

DINÂMICAS ESPACIAIS DA FESTA DE SANTA QUITÉRIA DE FREXEIRAS

Pedro Fernando Viana Peixoto
Mestrando em História
Universidade Católica de Pernambuco
pedro.2021608193@unicap.br

RESUMO

As festas religiosas exercem um papel de influência sobre a espacialidade nas comunidades, promovendo mudanças, ora permanentes, ora temporárias, mas que alteram o tempo e a relação do homem com os elementos visuais e com os espaços de uso, convivência e sociabilidade, buscando criar um lugar único, acolhedor e prazeroso para aqueles que desfrutarão dos momentos festivos, seja das cerimônias e rituais religiosos ou apenas dos eventos de recreação. O Santuário de Santa Quitéria de Frexeiras destaca-se por ser um local de expressão da religiosidade popular, no qual, além da presença constante de romeiros e peregrinos em visitações durante todo o curso do ano, tem seu momento culminante com a festa alusiva à Santa Quitéria, realizada durante a primeira semana do mês de setembro. A pesquisa será concentrada no levantamento histórico do período compreendido entre os anos de 1880 e 1900, com a análise do uso dos espaços de convivência e as dinâmicas envolvidas, através do uso de informações historiográficas, iconográficas e documentais, com abordagem às dimensões sagradas e profanas, e as repercussões sobre a sociabilidade da comunidade, dos romeiros e dos peregrinos.

Palavras-chave: Frexeiras; Espaços; Festa.

1 INTRODUÇÃO

Compreender a forma como são estabelecidas as práticas sociais definidoras dos espaços de usos individuais e comuns, em seus mais amplos aspectos, perpassa pela compreensão do homem sobre si mesmo no tocante a sua relação com a suas necessidades mais singulares e amplas. Conforme avança a evolução humana, os seres apresentam novas necessidades, as quais reclamam novas práticas que atendam as sucessivas demandas. Depreendemos dos escritos de Certeau (1998, p. 169 - 217) que o "espaço é o lugar praticado", assim, a delimitação dos espaços ocorre quando as práticas humanas ocupam os lugares e criam, real ou ficticiamente, às imagens definidoras da forma de ocupação e uso conveniente ou ideal desses espaços.

As festividades religiosas populares, por conectar elementos de natureza sagrada e também profana, se enquadram nas práticas espaciais cujos espaços são construídos, ora pelas disputas, ora através da harmonização, mas mantendo uma permanente construção e delimitação de espaços viáveis de convivência, sejam reais e físicos, ou apenas imaginários ou virtuais.

Nessas construções se destacarão as práticas que decorrerão da tradição, cujo o tempo é o responsável por cristalizar as atitudes e comportamentos que se repetirão periodicamente, assim, todas as vezes que os eventos festivos forem realizados seguindo o calendário, as práticas tendem a ser reproduzidas, reeditando os espaços necessários à convivência e garantia da sociabilidade de seus membros.

2 A TRADIÇÃO DEFININDO AS PRÁTICAS NOS ESPAÇOS DE CONVIVÊNCIA.

A vivência de espaços praticados transita também pela experiência da tradição, ou seja, as vivências do passado que contribuíram para a forma como determinados espaços foram explorados e utilizados, transmitem memórias praticadas que influenciarão a forma futura do uso e utilização desses mesmos espaços ou espaços semelhantes. Afirma Certeau (1998, p. 189): "Praticar o espaço é portanto repetir a experiência jubilatória e silenciosa da infância. É, no lugar, ser outro e passar ao outro".

As práticas definidoras dos espaços, entretanto, não são estáticas, passam pela metamorfose, pela mudança, temporária ou definitiva, desenvolve a seguir seus efeitos, prolifera, inunda os espaços privados e públicos, desfaz a superfície legível e cria metáforas, utopias, fantasias e ficções (CERTEAU, 1998, p. 191). Toda festa traz um passado que desafia o presente, pois carrega nas entranhas tradições que cobram do presente, projeção para o futuro, residindo aí a fórmula da continuidade com renovações e permanências caminhando juntas. Essa é uma lógica observada também nas festividades religiosas, que por natureza são abraçadas pela tradição, portanto, preservam um arcabouço básico de práticas e vivências na ocupação e uso cíclico dos espaços, o qual é transmitido ao longo dos anos na forma de um núcleo estático e singular, que promove uma identidade ao evento festivo, mas ao mesmo tempo se concilia com novas práticas do presente, se atualizando e se projetando para continuar vivo na memória e na vida da comunidade.

A tradição consiste no elemento definidor das práticas que se protraem no tempo, consubstanciada por memórias, crenças, comportamentos, símbolos, lendas, costumes e valores, os quais passam a integrar, dar significado e solidez a cultura de um povo e que se consolidam pela transmissão duradoura entre as gerações. De acordo com Giddens (1991, p. 38), "nas culturas tradicionais, o passado é honrado e os símbolos são valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações". Apesar da relação do sagrado e do mundo das crenças haver sido mais intensa nas sociedades tradicionais do que nas modernas, diferentes festas e celebrações religiosas continuam fazendo parte das tradições das comunidades, enaltecem os elementos culturais das respectivas regiões, fortalecem a cultura e promovem uma imagem identitária do lugar.

Podemos ressaltar que com maior expressividade a tradição é encontrada nas festas religiosas através da preservação, no curso do tempo, de símbolos, elementos culturais, valores e rituais que marcam a identidade dos eventos religiosos. Portanto, ela é responsável por uma delimitação de espaços que avança no tempo, demarcando não apenas o uso dos espaços físicos, mas os espaços temporais, através dos cenários que se repetem até alcançar o tempo presente. Afirma Giddens (1991, p. 38):

> "A tradição é um modo de integrar a monitoração da ação com a organização tempo-espacial da comunidade. Ela é uma maneira de lidar com o tempo e o espaço, que insere qualquer atividade ou experiência particular dentro da continuidade do passado, presente e futuro, sendo estes por sua vez estruturados por práticas sociais recorrentes".

Valioso acrescentar que toda festa tem uma ação transitória sobre a utilização dos espaços no tempo. E essa delimitação espaço-temporal de transitoriedade se encontra definida pelo calendário, o qual tradicionalmente estabelece o dia do santo padroeiro e encadeia o acontecimento festivo na memória coletiva de uma comunidade. Segundo Le Goff (1990, p. 486), "O calendário, objeto científico, é também um objeto cultural. Ligado a crenças, além de a observações astronômicas (as quais dependem mais das primeiras do que o contrário), e não obstante a laicização de muitas sociedades, ele é, manifestamente, um objeto religioso". Consequentemente também evidencia uma forma de extensão das relações entre tempo e poder, pois os que "controlam o calendário controlam indiretamente o trabalho, o tempo livre e as festas" (LE GOFF, 1990, p. 494). Inconteste que no ambiente festivo se desenvolvem relações de disputa por poder, pois na harmonia e desarmonia, na ordem e desordem, decorrem confrontos por espaços entre os diversos grupos que vivenciam o ambiente festivo. São disputas não por território, mas por espaços simbólicos, que na busca pela harmonização, forçam a vida cotidiana a ser, transitoriamente, reavaliada, ressignificada e reelaborada, forçando uma conciliação entre as práticas sociais e culturais historicamente significantes para a comunidade.

As organizações dos espaços durante os períodos festivos, são desenvolvidas, via de regra, para uma adequação transitória no intuito de fornecer funcionalidade às atividades que ali ocorrerão. Segundo Maia (1999, p. 204):

> "[...] grande parte das festas, no seu momento de ocorrência, simplesmente fornecem nova função às formas espaciais prévias que dispõem para a sua realização (ponto central): ruas, praças, etc. Mas, tão logo cesse o período ou momento extraordinário, tais formas retomam a sua função habitual".

Não obstante também existirem espaços e locais planejados e criados para oferecer uma infraestrutura permanente para as realizações dos eventos festivos, nos quais costumam ocorrer a concentração das diversas festas que algumas localidades realizam durante o calendário anual, notadamente as festas que agregam uma maior tradição, de fato costumam ocupar a urbe, as praças públicas, pois nelas se vive o maior espírito dos eventos festivos, numa concentração das liberdades, onde convivem espiritualidade, ordem, desordem e deleite, ora conflituosa, ora harmoniosamente, nas disputas pelos espaços.

Ao realizar o estudo sobre a Festa de Santa Quitéria, que ocorre no Povoado de Frexeiras, comunidade então pertencente ao Município de Garanhuns-PE, observamos que apesar do cristianismo haver dado um caráter mais solene as festas religiosas, atribuindo um calendário com dias dedicados aos santos, parece que o aspecto determinante na escolha do

período para a realização da referida festa é um resquício existencial das festas coloniais, pois ela ocorre fora do calendário eclesiástico e no término do inverno e da colheita agrícola na região, além do que, parte massiva do público que prestigia essa celebração festiva, tradicionalmente é de moradores das áreas rurais dos diversos municípios da Região Nordeste, em grande parte agricultores, pequenos pecuaristas e pessoas outras cuja atividade econômica é desenvolvida essencialmente no campo ou no regime doméstico. Nesse sentido discorre Del Priore (1994, p. 13), afirmando que nas festas coloniais religiosas ou pagãs, por uma tradição advinda de origem europeia, às celebrações festivas eram determinadas pelos ciclos da plantação ou da colheita como forma de reunir a comunidade em torno de um evento para celebrar, agradecer ou pedir por proteção, geralmente se dirigindo a uma divindade protetora da plantação. Portanto, surge em Frexeiras uma nova tradição quanto ao calendário, este de cunho estritamente leigo, ocorrendo um desligamento do calendário oficial estabelecido pela estrutura eclesiástica.

A pretensão do presente estudo se concentrará em demonstrar a influência de poder que os elementos culturais e religiosos que integram a tradicional festividade de Santa Quitéria de Frexeiras têm sobre a construção dos espaços, essencialmente os temporários, indispensáveis para a promoção dos rituais religiosos, da recreação, da descontração e da sociabilidade da comunidade durante o período festivo, orientando novas formas de se relacionar com o ambiente.

Em princípio, para a compreensão das práticas espaciais desenvolvidas nas festividades de Santa Quitéria de Frexeiras durante as décadas de 1880 e 1890, se faz necessário compreender como era a constituição dos espaços físicos do próprio povoado. Nesse sentido, podemos divagar imaginariamente sobre os contornos e recantos do vilarejo, à medida que observamos como ele era retratado em publicações de jornais da época, a exemplo da descrição contida em DIÁRIA (02 out. 1884, p. 02): “Frecheiras é um pequeno povoado, se é que este nome se pode dar a algumas casinha arruinadas que formam uma única pequena rua que alli existe demorando a 6 kilômetros ao nascente desta cidade”. Verifica-se se tratar de um pequeno povoado, restrito a uma única rua, cujas moradias conservam a simplicidade e o estilo típico das construções rurais da época, além de retratar uma possível condição de pobreza daqueles moradores, haja vista que os imóveis são descritos em condições de pouca conservação e cuidados, além do vilarejo ficar a uma distância considerável da sede do Município de Garanhuns. A mesma publicação informa que lá existe uma pequena capela, referindo-se a ela como uma “capellinha”.

Não obstante a simplicidade do lugar, observamos que as publicações dos jornais retratam as modificações sofridas pelos espaços durante os períodos festivos, adaptando-se a grandeza que o momento representava para os habitantes da localidade e visando proporcionar acolhimento às pessoas que prestigiavam a celebração da festa alusiva a Santa Quitéria. Dentre as modificações elencamos a ornamentação, a qual era posta desde a estrada de acesso ao povoado, estendendo-se pela rua e pelas casas, consistindo em enfeites confeccionados em folhagens, formando arcos, além de bandeirinhas espalhadas pela única rua existente, que proporcionavam o tom festivo ao lugar; também registra a colocação de um elegante pavilhão, armado em frente à capela, onde ocorria a celebração da missa campal, destacando o caráter religioso das festividades. Ainda valioso ressaltar que por ocasião da festa eram construídos elevados números de barracas de folhagens, onde a maior parte dos negociantes da localidade expunham suas mercadorias à venda (DIÁRIA, 1884, p. 02); (JESUS, 1900, p. 01). Essas práticas decorrem de uma tradição herdada do período colonial, pois conforme os escritos de Del Priore (1994, p. 38), era comum durante as festividades, desde o século XVIII, que as casas dos vilarejos fossem decoradas e as ruas iluminadas, o que fazia parte da tradição portuguesa e representava a alegria das romarias e das procissões.

Fazia parte ainda da tradição da festa de Santa Quitéria o grande número de pessoas que prestigiava o evento, tem publicações que retratam a festa como um evento de grande concorrência, de concorrência extraordinária, ou que a concorrência para participar do evento havia sido enorme, sem citar números de participantes, mas também existe publicação que se arrisca em informar que durante a noite principal da festa o volume de pessoas que ocupava a única rua do povoado, bem como as estradas de acesso a ele, teria alcançado a sigla de 5.000 participantes. (DIÁRIA, 1885, p. 02); (JESUS, 1900, p. 01); (DIÁRIA, 1884, p. 02). Outros elementos que de forma substancial alteravam, durante as comemorações festivas, os espaços físicos e a rotina de vida das pessoas que residiam no povoado de Frexeiras, eram as presenças dos romeiros, peregrinos e comerciantes, que acompanhados de seus familiares, para lá partiam e permaneciam em acampamento durante todo o período de duração da festa, ou parte dela. Salientando que as festividades se estendia por uma semana, com o ápice no dia 07 ou 08 de setembro, coincidindo com o encerramento das comemorações. A publicação do Diário de Pernambuco, transcrita adiante, ilustra bem como essa dinâmica de ocupação dos espaços acontecia. DIÁRIA (1884, p. 02):

> “É curioso o movimento que aqui se nota por ocasião da partida do povo e negociantes para as Frecheiras, grande número de carros puxados por bois

> alastram a estrada carregados de famílias, mobílias e outros objetos necessários para no campo se passarem alguns dias, outras pessoas vão a cavallo e de ordinário são aquellas que voltam no mesmo dia e a maior parte a pé."

Como foi possível explicitar nas manifestações acima, as dinâmicas espaciais concretas observadas durante as festividades realizadas em alusão a Santa Quitéria de Frexeiras, modificam espaços temporariamente e repercutem sobre a vida e sociabilidade das pessoas da comunidade, dos romeiros e peregrinos. Outras práticas vivenciadas e elementos modificadores dos espaços, porém de caráter predominante ritual, mas que de igual maneira influencia a vida e rotina das pessoas envolvidas na festa de Santa Quitéria de Frexeiras também serão trabalhadas adiante.

3 ESPAÇOS DELIMITADOS POR RITUAIS RELIGIOSOS E PRAZERES: VIVÊNCIAS DAS DIMENSÕES SAGRADAS E PROFANAS.

Ao contrário do que se possa imaginar, as festas religiosas de forma natural apresentam uma estreita ligação entre as naturezas das comemorações, inclusive, é impossível, em alguns eventos, estabelecer o momento onde finda a natureza religiosa da festa e onde tem início o caráter profano. Em parte, isso ocorre em razão dos diversos elementos culturais que foram sendo incorporados nos festejos religiosos ao longo dos tempos, daí, compreender que essas manifestações decorrem, também, das tensões e conciliações simultâneas dos rituais pela apropriação dos espaços. As festas religiosas têm essa capacidade de representar mudança, modificar o espaço, promover impactos no tempo e na vida das comunidades, moldando esses espaços para transformá-los em lugares únicos e exclusivos. Boada (1991, p.88), nos lembra que o espaço pode ser humanizado, transformado num lugar diferenciado do restante, bastando que para tanto ali sejam realizados ritos que cumpram com essa missão, o que pode muito bem ser realizado através das festas religiosas.

Na apropriação dos espaços, podemos afirmar que o caráter profano surge como uma complementariedade necessária para as festividades religiosas, já que, por mais significativas que sejam as demonstrações de devoções religiosas, prescindir dos eventos profanos, implicam em prescindir dos negócios que integram os eventos periféricos, os quais, não raramente, são responsáveis pela manutenção dos eventos principais. Assim, as ideias de sagrado e profano se complementam quando se trata de festas populares, pois

nesses ambientes os espaços são repartidos pelos diversos rituais, ora sagrados, ora profanos, numa conciliação aparentemente improvável, mas necessária.

Ao analisar publicações que retratam os aspectos sagrados e profanos da festa de Santa Quitéria de Frexeiras, é possível perceber a conexão de complementariedade existente entre eles, através de práticas que constroem espaços comuns, ao tempo que também delimitam campos de atuação para a construção de espaços distintos conforme as suas naturezas, ora rituais sagrados, ora rituais de prazer e descontração. Dentre as tantas práticas, vejamos a combinação de práticas sagradas e profanas, ora delimitando os espaços de convivência, ora os interligando. Encontramos em (DIÁRIA, 1885, p. 02), que "Celebrou-se no dia 8 do corrente com uma missa cantada a tradicional festa da gloriosa Santa Quitéria, que se venera em sua capellinha de Frexeiras,..." e a mesma publicação acrescenta, "Houve à tarde uma bonita cavalhada e à noite um lindo fogo artificial". Em outra publicação, informa (JESUS, 1900, p. 01), que "As 11 horas, em um elegante pavilhão armado em frente à capella, principiara a missa campal celebrada pelo vigário de Canhotinho o Rev. Alexandre Cavalcante". Ainda na mesma publicação, destaca que: "A música estará sob a direção do professor João de Moraes". Como pode ser visto, são executadas práticas em uma programação festiva, onde se coadunam elementos de cunho estritamente sagrados, a exemplo das missas, em integração no mesmo evento religioso com uma cavalgada integrando a grade de programação da festa. Também são encontrados elementos que se integram de forma complementar, como os foguetórios e as músicas, os quais têm o cunho de promover e dar relevância às práticas de cunho sagrado. Tudo isso numa integração que decorre de uma prática histórica que foi sendo construída e fortalecida pela tradição e transmitida através dos séculos, conforme informa Abreu (1999, p. 08):

> "O século XIX recebeu de herança o que ficou conhecido por "religiosidade colonial" ou "catolicismo barroco", como mais recentemente denominou João Reis. As práticas católicas eram marcadas pelas espetaculares manifestações externas da fé, presentes nas pomposas missas, "celebradas por dezenas de padres e acompanhadas por corais e orquestra", nos funerais grandiosos, nas procissões cheias de alegorias" e nas festas, onde centenas de pessoas das mais variadas condições se "alegravam com a música, dança, mascaradas e fogos de artifício".

As espetaculares manifestações, pomposas missas, procissões e demais práticas vivenciadas nas festividades do catolicismo do século XIX, conforme ressaltado por Martha Abreu, no parágrafo anterior, também fizeram parte dos espaços construídos e vivenciados nas celebrações religiosas que faziam parte da programação da festa de Santa Quitéria de Frexeiras no período pesquisado. Os recortes retirados da publicação adiante apresentada,

permitirá verificar de forma bem delineada as práticas que definem espaços essencialmente sagrados durante a celebração festiva de Santa Quitéria. (JESUS, 1900, p. 01), relata que: "Realizou-se no dia 09 do corrente a grande romaria em Santa Quitéria, em homenagem a Jesus Redemptor"; acrescenta que era sete horas da manhã quando foi iniciada a procissão, a qual tinha a sua frente a banda de música, em seguida ostentava-se o Estandarte do Apostolado da Oração que era "conduzido pela Sra. D. Cecília Cardeal, acompanhada pelas associadas vestidas de branco, com distinctivos". Na procissão também foram conduzidos um Estandarte com a efígie de Jesus, um outro com a imagem do glorioso Santo Antônio, um coração confeccionado em flores artificiais simbolizando o Sagrado Coração de Jesus, um cálice e uma cruz. Todos elementos reforçadores da fé cristã, os quais contribuíam para personificar práticas religiosas definidoras de espaços essencialmente sagrados.

Por outro lado, o caráter profano da festa também aflorava de forma bem clara, definindo seus espaços através de práticas essencialmente profanas, conforme aponta a publicação em Diária (1884, p. 02):

> "A noite as famílias se reúnem em agradável e íntima convivência, dançam até 3 horas da manhã ao passo que na rua ao ar livre do campo, homens, mulheres e creanças passam a noite entretidos uns jogando dinheiro, bolachas, bolos etc. e os demais entregues ao delírio do samba onde aos sons compassados da clássica viola cantam os poetas populares suas trovas à desafio".

Nesse momento podemos perceber a concentração de práticas essencialmente profanas definindo espaços de recreação e prazer, mas que tanto quanto os espaços criados para o exercício dos elementos sagrados, contribuem para a sociabilidade da comunidade e das demais pessoas envolvidas na realização e participação da Festa de Santa Quitéria de Frexeiras.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término do presente trabalho podemos afirmar que as festas religiosas conseguem exercer um papel de grande importância na vida das pessoas nas comunidades, promovendo o exercício da fé, mas também contribuindo para a descontração, para o prazer e para o fortalecimento de vínculos de sociabilidade. As práticas decorrentes das dinâmicas necessárias para promoção e realização dos eventos festivos, promovem modificações de ordem concretas, mas também virtuais, que influenciam na ocupação e uso dos espaços de

convivência, seja de forma temporária, de forma predominante, mas também podendo ocorrer eventos que se tornarão definitivos.

As dinâmicas enfim, permitem a convivência harmônica dos elementos sagrados e profanos, mesmo que as práticas ocorram sob a disputa de poder delimitadoras de espaços durante as vivências dos eventos festivos. Por fim, é possível considerar a tradição como um elemento definidor de espaços que promove a recorrência de práticas no curso do tempo, num movimento indutor da ocupação cíclica dos espaços que, juntamente com todos os demais elementos, promovem modificações de comportamentos, de forma temporária, com repercussões sobre sociabilidade e sobre o ritmo de vida das pessoas das comunidades envolvidas nos eventos festivos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Martha. **O império do Divino:** festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: FAPESP, 1999.

BOADA, Luis. **O espaço recriado**. São Paulo: Nobel, 1991.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano:** 1. Artes de fazer. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

DEL PRIORE, Mary Lucy M. **Festas e Utopias no Brasil Colonial.** São Paulo: Brasiliense, 1994.

DIÁRIA, Revista. Recife: **Diário de Pernambuco**, 02 out. 1884.

DIÁRIA, Revista. Recife: **Diário de Pernambuco,** 17 set. 1885.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade.** Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

JESUS, Homenagem a. **Jornal do Recife,** Recife, 28 set. 1900, Ed. 221. Gazetilhas, p. 01.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão... [et al.]. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

MAIA, Carlos Eduardo Santos. **Ensaio Interpretativo da Dimensão Espacial das Festas Populares:** proposições sobre festas brasileiras. IN: ROSENDAHL, Zeny, e CORRÊA, Roberto Lobato. (org.) Manifestações da Cultura no Espaço. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999, p.191-218.